

VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO
RUA DO OUVIDOR

32 - sobrado - 2

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

58000

108000

208000

PROVINCIAS

Semestre

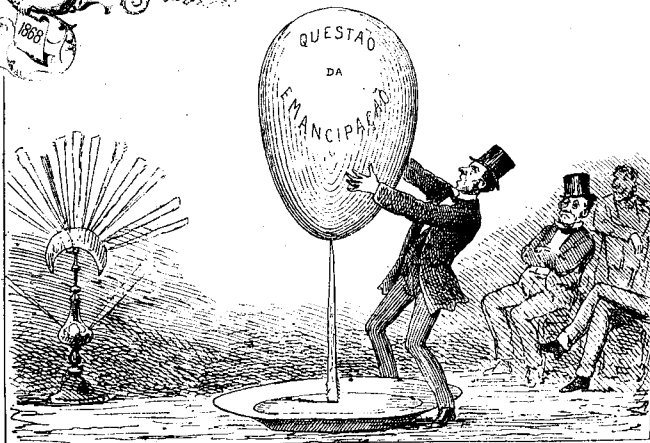
Anno

Acusos

118000

218000

18000



Os autores dos a. redidos sobre o elemento servil á procura
de melhor meio de resolver esse problema d'equilibrio.
(E' difficil, difficilissimo mas nao e impossivel.)

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 1 de Julho.

Não lhes conto nada!

Não lhes conto, porque se o fizesse não me acreditariam de certo.

E então, bôfê! mais do que carradas de razão para isso, porque a causa é na verdade muito dura de roer!

Era no Senado? atendião-me bem!

Os amphitheatros inferior e superior achavão-se preñes de gente, aquelle de representantes vitalícios da nação, este de curiosos de todas as camadas sociais.

O Sr. Visconde de Abaeté annunciou a terceira e ultima discussão da proposta de credito para o prolongamento da estrada de ferro D. Pedro II.

N'esse terceira discussão já estava mais do que illuminada a questão pelos luminosos discursos dos Exm^{as}. Srs. Presidentes do Conselho, Ministro da Agricultura, Saraiva, Fernandes da Cunha, Zaccarias, Joaquim Delphino Ribeiro da Luz, Souza Franco, Visconde de Itaborahy, Barão do Cotegipe, Octaviano Ross, Pompeu, e outras notabilidades do Senado.

Julgavão todos esgotada a materia, porque francamente, nada mais havia a dizer.

Procedeu-se então logo á votação? perguntar-me-ha o leitor, como eu, em seu lugar, também perguntaria.

Pois não se procedeu.

Querem saber a razão?

Querem?

Não se votou porque ainda houve um senador que pediu a palavra. Ora ahí está!

E dou-lhes um dôce se adivinharem quem foi que quiz nutrir-se em tão funduras, quem foi que se abalçou a deitar mais uma gotazinha de agua n'aquelle já tão fundo oceano de esclarecimentos.

Não adivinhão?

Então lá vai: foi o homem das melancias e seções, o inimigo fidalgo de quantos querem abrir pharmacias, o refractario de todos os melhoramentos materiaes do paiz (na phrase de um seu collega), o orador mais eloquente e engraçado das duas camaras, o Sr. Dr. Jobim, enfim!

Pasmem e tornem a pasmar quantas vezes quizerem; mas creio, porque é a pura verdade.

Sua Exm^a. vitalicia pediu a palavra e, usando d'ella durante quasi uma hora, conseguiu provar (com muita tino, mesmo muito!) que não se oppõe á realisação de nenhum melhoramento material, mas qua por espirito de economia vota sempre contra.

Que o rio de S. Francisco não presta, mas que é muito bom;

Que não produz *senão* melancias, mas dá cebolas tão boas como as afamadas do Egypto;

Que não é um Eldorado com se suppho, mas que abunda em suas margens o sal, o enxofre, o ouro e as madeiras de primeira qualidade;

Que não merece a attenção que se lhe presta, mas

que ainda hade ser um dia o colheiro do Imperio, como o Nilo foi outr'ora o colheiro de Roma;

Que as seções, as enbras e os jacarés do papo-amarello o tornão inutilitavel, mas que já tem uma população superior a um milhão de habitantes;

Que sim,..... mas que não;

Que não,..... mas que sim!

E á'est'arte, durante cincoenta minutos, que voarão como instantes felizes, teve sua Exm^a. a habilidade de prender um numerozão auditorio, commovendo-o algumas vezes, fazendo-o rir sempre.

E lá do tecto da Camara vitalicia Hyperides, Lysias, Solon, Lycurgo, Demosthenes, Aristotêles, Cicero e outras qu'antais nullidades dos tempos que já lá vão, contemplavão-o attonitos e encucados!

Com grande satisfação da empreza do *Jornal do Commercio* continuão na berra as questões: elemento servil e plata-formas dos bonds.

São duns liberaes que estão na tela da polemica: a liberdade dos pretos e a liberdade dos brancos.

A primeira quer o governo conceder; a segunda quer a policia vedar.

Denso é o pó que ambas levantão, e que continuarão a levantar ainda por muito tempo, pó que muito encommenda a todos, menos á grande folha diaria para quem é elle de fino ouro.

Ha cousas que não comprehendendo devras!

Não me dirá porque motivo nenhum dos órgãos diarios da opinião publica deu noticia da grande catastrophe de que ia sendo victima o *Diario do Rio de Janeiro* na noite de sabbado para domingo?Nenhuma fallou n'ella, nem, nem mesmo o *Diario de Noticias*, que costuma dar conta de tudo, até do numero de gafanhotos que apparecem mensalmente na Ilha do Pico, e em especializações dos masculinos, femininos e... neutros!

Porque esse silencio? Não terá o respeitavel publico muito interesse em conhecer uma por uma todas as peripetias venturosas e desventurosas da vida de um jornal redigido com tanto... aroma?

Não terá o publico o direito de conhecer todas as alegrias e todos os pezares da folha, que, estampando em seu rosto o celebre *Sonho*, fez jus desde logo a sonhar-se, no grande dia do juizo final, á direita do immortal Cambroune?

Tem, sim! E tanto, que, apesar de simples chronista semanal, apressa-me em narrar como foi o caso.

Ninguém ignora que no *Diario do Rio de Janeiro* ha actualmente em deposito grande quantidade de kerosene.

Pois bem! Parte d'esse kerosene, fortuitamente ou de caso pensado, fez explosão e incendiou a outra parte. Não admira! E' materia tão inflammavel.

Em pouco tempo lavrava o fogo em diversos pontos do estabelecimento, mormente dentro da burra e da gaveta particular do proprietario.

Inutil é declarar que as chammas devorarão bôa copia de papeis e assim lá se foram alguns autographos, documentos preciosísimos, que já erão propriedade da historia, por sua importancia e por... mais alguns titulos, que tanto os recomendarão.

Entre outros, consta-me que arderão diversas cartas trocadas entre a empresa e o governo, relativamente a impressões de relatórios, o uma edição, *doe sur tranche*, do inimitavel artigo *Um Sonho*, que a meia logoa da distancia tanto cheirava ao auctor!

Que pena!

Felizmente o Sr. Tenente Coronel, Director do Corpo de Bombeiros, comparcendo logo etc. etc. etc. ... como nas communicações que S. S. costuma mandar para as folhas diarias, quando acontece arder a fuligem de qualquer chaminé por ali.

É já que estou ás voltas com o *Diário do Rio de Janeiro* deixem-me dizer mais algumas palavras a seu respeito.

Quem folheia actualmente suas quatro paginas não pôde eximir-se de fazer este reparo:

— Com effeito! Por todos os lados artigos sobre a emancipação e sempre contrarios ás idéas do Governo, e favoráveis ás dos fazendeiros protestantes! Como está *servil* o *Diário do Rio*!

Na Camara Temporaria anda a vadição a redeas soltas.

Tres e quatro dias consecutivos deixa de haver sessão por falta de numero legal.

E o tempo passa ligeiro, e as grandes reformas, tão reclamadas pelo poez, ali ficam embolorando-se nas ordens do dia!

Não haveria meio de exhibir semelhante abuso? Não haveria meio de obrigar os respeitaveis pois da patria a serem mais fieis cumpridores dos seus deveres sagrados?

Pois que! Bradaís continuamente, Srs. da opposição, que o Brazil se acha em criticas circumstancias financeiras, e prestes a despenhar-se em um meilhonio abyssos, a cuja borda foi arrastado pela inconsiderada proposta do governo sobre emancipação! Bradaís... e deixai-vos ficar desconsolados *sub tegmine fugi*, em vez de correrdes pressurosos para vossos postos de honra?!

Só vos podeis salvar-o, e não o fazeis?!

Medicos sem caridade, abandonai assim a cabeceira de vosso illustre enfermo?!

Já o disse uma vez, porem não ha remedio senão repetir-o quicé ainda muitos outros:

Para que os representantes temporarios da Nação sejam assíduos as sessões são precisas duas cousas: deixar de pagar-lhes os dias em que não comparecerem, e vedar-lhes a passagem de manhã pela Rua do Ouvidor.

A Rua do Ouvidor é a seroia, cujo canto os desvia da Comara.

No Senado não acontece o mesmo. Os velhos repre-

sentantes vitalicios só não se reúnem em numero nos dias de grandes chuvas.

E' que ellas não estão mais na idade em que ainda se gosta de ver bugangas.

Dizem-se na Cadea Velha a concessão de um creditinho de cincuenta contos de réis para esoljvar a impressão da obra—*Iconographi das Orchideas do Brazil*.

Cincuenta contos de réis... apenas!

Um páu por um olho!

Note-se que para fazer o te favor não estão exhaustos os cofres publicos. Qual!

E como não haviam de estar se a concessão é patrocinada por um dos collegas, que mais soube levantar sua elegante voz contra os desmandos do ministério e que..... (cala-te bôca; não maldigas do teu proprio)!

Parasitas! Parasitas!

Se permittem, von agora fallar um pouco dos theatros.

No de D. Pedro II a companhia lyrica... (veja-se a chronica do meu amigo A de A.)

No Gymnasio o inimitavel Taborda (veja-se ainda a chronica etc. etc.)

Na Phenix Dramatica o popularissimo Vasques (veja-se mais uma vez a chronica etc. etc.)

Sim, Srs. Na chronica do meu amigo A de A achareis tudo, e outras cousas mas, quanto houve, ha, e hade haver sobre theatros.

Tudo! menos talvez esta poesia de Luiz Guimarães Junior, (o pucto inspirado e fecundo por excellencia que coube e que tambem coube) distribuida impressa no theatro lyrico no noite do beneficio do maior tragico colheu.

Começa por uma citação latina, Nem a cousa era para menos.

Quis ut illo?

A' ERNESTO ROSSI

Constellção da Gloria! Ideal sublimo,
Que á terra trouxe a luz da Providencia!
Homem formado por divina essencia,
Igual aos astros, grande como o mar!
Nesta festa de edemicos transportes,
Das festas todas o mais santo exemplo,
O theatro transforma-se n'um templo,
De que é levita — o povo, e o palco — altar!

Quando o poder que roga a eternidade
Abençoa o mundo, abençoando a terra,
Quando do seio que o infinito encerra
Ergue-se o Genio, — apostolo dos céus,
Verga-se erento a natureza inteira,
Que attenta contempla, o se extasia,
Ante a força de Deus que um Rossi eria,
— Rossi a mais vasta criação de Deus!

Depois disto o que me restará dizer de grande artista? O que?

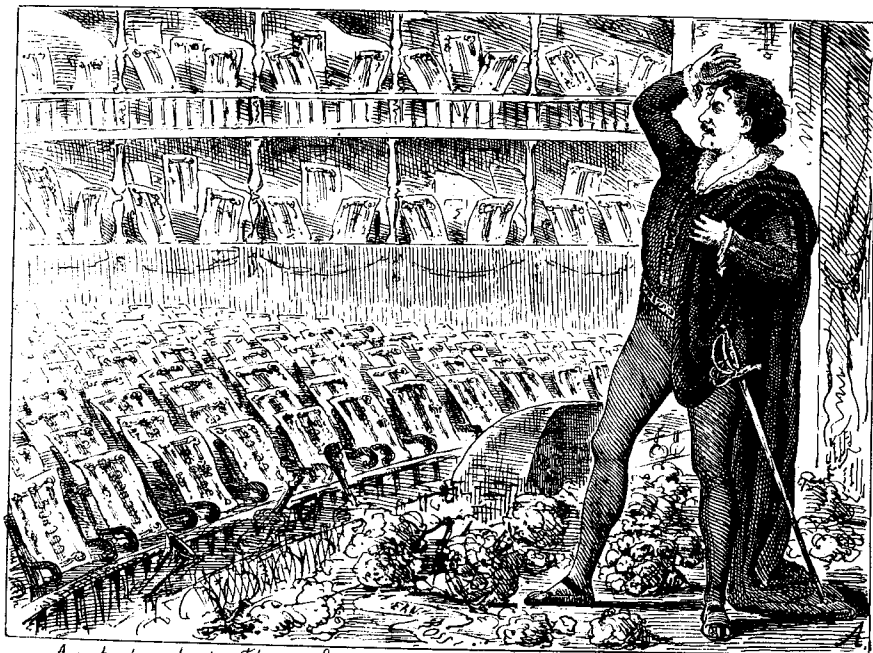


Notas de um turista

No Rio de Janeiro, as gentilezas as ladies e as presas do Casa de Correição anda acompanhadas por soldado. (Nota) Há um difference. Os presas vão a pé e os outros vão de bondé.
(Inventando, lemos a verdade em algum jornal estrangeiro, e gritamos unânimes, !Aqui d'El rei!!)



Estou atupalhadíssimo com a questão da Emancipação; naturalmente dá a. b. que são muito interessados e que se interessam por mim com das algumas conselhos. Mas : que os traz e negocio muito mais importante. Mas apresentando o novo tratado contra a invasão de Roma.



Aspecto da sala do Theatro Lyrico na noite do beneficio do admiravel Rossi
(Dizem que ao entrar em scena no primeiro acto, ficou um tanto commovido.... (acreditamos piamente.)

Nada, a não ser, como dizem os advogados nas mais complicadas consultas:
«Concordo com a opinião do meu collega. *Erat ut supra.*»
A. DE C.

Assumpto de varias côres

A semana foi de novidades e... distrações.
Andou por tal sorte distribuída a nossa população durante os sete dias passados que nem tempo houve para fallar-se em politica.

Na assembleia e no sonado as discussões foram breves, calmas, resentindo-se d'essa frieza assustadora que precede os grandes acontecimentos. Nos clubs politicos, e nas colleções das fôlhas incendiarias os animos mostravam-se preocupados, mas nem se fallava do queda do ministerio, nem se discutia a magna questão do elemento servil.

O que fazia, pois, toda essa gente desviada de suas habituaes occupações?

Vejam tudo quanto em seguida passo a expôr, e digam-se se em face do tanto espectaculo attraente, ha n'este mundo quem possa occupar-se de politica.

Por exemplo:

A 27 foi o beneficio de Rossi!

Camarotes e cadeiras apresentavam um aspecto maravilhoso: tudo estava literalmente cheio.

Os toilettes embelezados do bello sexo, a elegancia dos cavalheiros, a jovialidade que pairava em todos os rostos, a «ciencia» com que se esperava o «vagueo do panno; tudo presagiava a festa esplendida de que mais tarde devia ser testemunha essa multidão enrupe que viera alli para saudar o artista mais completo da nossa epocha!

Não se fizeram esperar as demonstrações do enthusiasmo.

Logo que Ernesto Rossi entrou em scena, rendeu-lhe o nosso publico generoso preito, acolhendo-o ao som de bravos vehementes e palmas ruidosas. Por essa occasião veio ao palco a Sra. Emilia Adalinda offerecer-lhe uma rica corda sobre custosa almofada.

Ao terminiar do 3º acto do *Acan Flores* sem conta, cruzando-se no espaço, vieram esbair aos pés do grande artista, o a Sra. Ismenia, e o actor Martins vieram offertar-lhe, tambem em scena, uma coroa de subido valor, e um bouquet de flores escolhidas.

Mais tarde compareceu a companhia da "Phenix", tendo á frente o seu empresario, o Sr. Jacintho Heller.

O corpo scenico d'aquelle theatro, cotisando-se entre si, libertara uma criança de dous annos d'idade, e encorregara o Sr. Vasques de pedir a Rossi que entregasse elle mesmo á criança a carta de alforria.

Assim o fez o grande tragico, juntando algumas palavras onde transluzia o vigor de sua intelligencia e a nobreza de seus sentimentos humanitarios.

Ao terminiar do spectaculo houve inundação de flores no palco scenico, chuva de ouro, muitos bouquets de subido valor, uma coroe riquissima, que, so-

bra elegante almofada de velludo carmezim, lhe foi offerecida por um adquiredor sincero, um punhal de bronze artisticamente esculpido, da que lhe fez presente o Sr. Ribas, e muitas outras demonstrações entusiasticas cuja enumeração não caberia no limitado espaço, de que disponho.

Não fallarei das chamadas á scena Contei vinte e duas, e quando sabi ainda Rossi era chamado freneticamente.

A 26 estrou a Sra. Amelia Pasi, na *Norma* de Bellini.

A reputação de que a peça goza e a curiosidade do ouvir a «estruant», levaram enorme quantidade de espectadores ao theatro da Guarda Velha d'aquella noite.

A's 7 horas a sala estava literalmente cheia.

Não ha no Rio de Janeiro quem não conheça a melodiosa composição de Bellini, essa «pópa musical onde a nota é talvez mais eloquente do que a palavra, onde não ha trecho, phrase, ou compasso que desdiga da belleza geral da obra. Não será portanto a *opera* o assumpto principal deste artigo.

Talando, pois, da interpretação, que lhe dá a nossa actual companhia lyrica, folgo de registrar aqui o brilhante triumpho obtido pela Sra. Amelia Pasi. Embora a estrante tivesse de lutar com as reminiscencias entre nós deixadas por algumas cantoras distinctas, que a precederam, cantou por tal forma que favoravel lhe foi desde logo o juizo de quantos a ouviam.

Apenas terminou o notavel adagio da *Cavatina di sortita*, palmas e bravos euchararam em toda a sala, não sendo menores as demonstrações que lhe foram prodigalisadas nos dous duetos com Adalgisa no 2º. e 3º. actos.

Para o bom exito de qualquer delles concorreu muito a voz sympathica da Sra. Escalante e a firmeza com que sustentou a alliação no *ensemble* das *cadencias*.

Após a estrante euchararam as honras da noite ao boiz. Ordinas, que, especialmente na grande *sortita* do 3º. acto, foi o melhor de todos os *Urovesos* conhecidos até hoje do nosso publico.

Sinto não poder dizer outrotanto do Sr. Ballarini, cuja voz mais deve prestar-se aos cantos energicos de Verdi ou de Mercadante, do que ás melodias apixoadas do Bellini ou Donizetti. Entretanto, na cavatina do 1º. acto, onde a phrase reclama energia e brío, foi o Sr. Ballarini por vezes applaudido.

A *mise-en-scene* é vistosa; os coros houveram-se satisfactoriamente.

Quanto á orchestra é para sentir que, por falta d'ensaios talvez, ella não justifica-se na *Norma* a reputação que outros *tpart* s' lhe tem dado.

No theatro francez voltou á scena a *Princesse de Trebizonde* encarrugando-se Irma-Marie de nos apresentar um *Principe Raphael* digão della e da *opera* d'Offenbach.

Já o esperava o nosso publico, e por isso lhe fez recepção brilhante, correndo a occupar todos os logares

da sala alcazarina, prorompem em manifestações ruidosas, e chamando, por vezes, Irina-Marié ao proscênio.

Além dessa novidade, deu-nos ainda o Sr. Arnould uma repenação de *Zilda* para reencenada do barytono Martinien. Tanto o joven cantor, como M^{lle}. Delmary, foram freneticamente applaudidos e chamados á scena no fim da ópera.

Voltaram as bullas noutros do Alcazar. As enchenets succedem-se, e mostra Reany já se vê em papos d'aranha *pour compter la recette!*

• • •
Não é menor tambem a azafama que vai pelo Gymnasio.

O nostro publico não se farta de admirar Taborda, e isso justifica as enchenets successivas que aquelle theatro conta de ha tempos a esta parte.

Efectivamente no *Ventura o bom celhote*, no *Amór Loudrino* ou no *Amór pelas cabellós*, Taborda, reproduzindo typos differentes, caracteres oppostos, sentimentos desenhados, é de uma verdade tal que, se o nome não estivesse no cartaz, difficilmente se poderia acreditar que um só actor fosse capaz de prometter em tão variadas manifestações da arte.

• • •
Abrio-se o estabelecimento do armariinho e modas, pertencente aos Srs. ARAGÃO & IRMAO.

Situado na rua do Ouvidor n. 41, repello de tudo quanto ha de mais moderno e elegante em mercaderias da melhor qualidade, dispondo de um pessoal cujas maneiras captivam a attenção de quantos o frequentam, tem o estabelecimento dos Srs. Aragão & Irmao li soneiro futuro diante de si.

E prova disso a constante freguezia que enche a loja na esperanza de obter, por preços moderados, objectos de gosto que não se encontram facilmente n'outra qualquer casa.

A de A

Eduardo De-Martino

ESBOÇO BIOGRAPHICO.

(Veja-se o n. 182 d'este semanario)

Eduardo De Martino, nascido em Sorrento (visinhança de Naples) a 27 de Março de 1842, é filho do Salvador Savares e Bettina Savares.

Seu pai, que seguiu sempre a vida do mar, dedicou-o igualmente á marinha.

Irresistível vocação sentia, porém, Eduardo para a pintura: e tamanhas eram seus progressos n'aquella arte que pela Academia de Marinha lhe foram concedidos por varias vezes os premios destinados á *classe de desenho*.

Quando terminou os estudos, em 1856, teve Eduardo de seguir o curso de navegação pratica; e, embarcando durante quatro annos, percorreu a Russia, a Dinamarca, Hollanda e Inglaterra.

Porante os magestosos quadros que o oceano offerece aos olhos do navegador, mais se lhe augmentou o en-

thusiasmo pela pintura: e varios esboços, feitos a bordo, lhe provarão cada vez mais o brilhante futuro que a arte lhe offerecia.

Veio a campanha do Gaeta e Messina em 1861 e 1862.

Eduardo, já então official da marinha italiana, teve de tomar parte n'ella; e além da coragem que demonstrou n'essa occasião, tres epochas gloriosas decorreram para elle após esse periodo.

A primeira: no Cattagat, sobre o banco Lyse Grand, quando á frente da sua tripulação, investio contra a fragata *Euridice*.

A segunda: num incendio em Tanger, onde o joven official praticou prodigios de valor.

A terceira: no estreito de Migalhães, theatro da suas principais façanhas maritimas, quando, a bordo da fragata *Ereole*, fazia parte da guarnição daquelle navio.

Em Junho de 1867 deixou Eduardo o serviço militar, que embora lhe mostrasse risonho futuro, não lhe dava o tempo de seguir a sua vocação artistica.

Em Montevideu foi o joven pintor acolhido benevolamente pelo General Flores, que não só o empregou na *Direcção Topographica*, mas até lhe confiou o trabalho importantissimo das plantas que se fizeram para o levantamento da muralha e a obra da *Aguada*. Terminada tal commissão, muito a contento do General, seguiu Eduardo para o Paraguay, onde presenciou os feitos mais notaveis da guerra, cujo epilogo tão glorioso foi para o Brasil.

Protegido pelo almirante Joaquim José Ignacio e pelo Duque de Caxias, percorreu Eduardo todos os pontos, onde a bandeira brasileira tremulava após repetidas victorias; e, captando do natural os logares onde se haviam dado os episodios mais notaveis da guerra, pintou nove quadros historicos de entre os quaes se distinguem *A passagem de Humayta*, a vista do *Gran Chaco*, o *Reconhecimento de Humayta* feito pelo General Osorio, e a *Batalla naval do Riachuelo*.

Além d'esses quadros, conta De-Martino um sem numero de esboços — feitos durante a viagem por aquelles, então, inhospitas paragens — que mais tarde tenciona reproduzir na tela.

Dos quadros por elle feitos até hoje, dous foram comprados pelo governo da provincia do Rio Grande do Sul, e acham-se na nova sala da Camara Municipal, em Porto-Alegre.

Os outros estiveram, ha tempos, expostos no salão do theatro de S. Pedro, e acerca d'elles foi unanime o elogio da imprensa e dos homens entendidos.

Eduardo De-Martino vive ainda entre nós, bemquisto de todos e estimado por quantos se lhe approximam: mas dentro em pouco tenciona visitar Roma, Naples e Florença na esperanza de estudar os modelos d'arte, que os grandes pintores de out'ora legaram á geração actual e ás vindouras.

A. DE A.

CARLOS F. MULLER — Typ. rus da Ajuda n. 16.

RUA DO OUVIDOR

ANUNCIOS ILUSTRADOS

DA VIDA FLUMINENSE.

